

CONFERÊNCIA

AMERIGO VESPUCCI E A PRIORIDADE DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL (*)

A história de Vespucci e de suas viagens tem sido estudada muitas vezes, e, diante do elevado número de trabalhos notáveis que existem sobre tal assunto, poder-se-ia crer que não há mais lugar para um novo estudo a respeito desse navegante e cosmógrafo italiano, mormente pelo modesto historiógrafo que neste momento dirige a palavra a este selecionado auditório.

“Mais l'histoire n'est jamais écrite définitivement. Si les faits ne changent pas, leur valeur change, et c'est cette valeur que l'historien a pour objet de fixer. Par eux-mêmes ils ne sont rien, parce que, isolément, ils n'ont aucune signification, et que cette signification leur vient uniquement de leur liaison aux choses qui les précèdent et qui les suivent. C'est cette liaison qui forme seule l'histoire qu'il nous importe le plus de connaître, et la mission de l'historien est de la montrer. Mais les faits sont si nombreux et tiennent entre eux par tant de côtés à la fois qu'il est impossible de les embrasser tous d'un seul regard et de distinguer tous les liens qui les unissent entre eux. Il faut donc choisir et ce qui différencie les historiens les uns des autres, c'est le choix qu'ils font, dans la masse des choses notées, de celles qui doivent expliquer la période historique, la vie du personnage, ou l'événement particulier qu'ils se proposent de faire connaître et dont ils veulent marquer la véritable place”.

“L'historien n'a aucune prise sur les grands événements et les petits faits qui remplissent les annales d'un peuple comme la vie des individus. Il ne peut ni les faire naître, ni les modifier, mais il peut éliminer les uns et retenir les autres et il n'y a pas de limite au nombre de ces sélections objectives qui sont nécessairement déterminées par des conditions subjectives. C'est pourquoi on disait tout à l'heure qu'il n'y a pas d'histoire définitive. On a écrit vingt fois et on réécrira toujours l'histoire de la Grèce et celle de Rome, non pour y ajouter des faits

(*) — Palestra realizada no dia 18 de março de 1954, no Salão Nobre da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, ao ser comemorado o V Centenário do nascimento de Amerigo Vespucci. Palestra patrocinada pela Sociedade de Estudos Históricos e Instituto Cultural Italo-Brasileiro.

nouveaux, mais pour montrer que ceux que l'on connaît doivent être vus d'une autre manière, ce qui conduit à des conclusions différentes" (1).

Com êste elevado conceito de Vignaud sôbre o modo de ser estudada a História, passamos ao assunto da nossa palestra, avisando prèviamente esta seleta assistêcia de que não vai se deleitar ouvindo um primoroso trabalho literário com figuras de retórica, mas sim uma série de críticas, quiçá enfadonhas, de documentos que provam que a prioridade do descobrimento do Brasil pertence àquêle personagem de acentuado destaque na história sempre empolgante dos descobridores marítimos, Amerigo Vespucci, que precisamente na data de hoje, há cinco séculos, era batizado na igreja São João Baptista, de Florença.

*
* *
*

Os documentos que tratam das viagens de Vespucci dividem-se em dois grupos. O primeiro compreende dois opúsculos publicados respectivamente em 1504 e 1506, no tempo em que êsse navegador era vivo e são os seguintes:

1.º) *Mundus Novus*, carta escrita em latim, endereçada a Lorenzo di Pier Francesco de Medici, onde é descrita uma viagem ao Brasil em 1501-1502 a serviço do rei D. Manuel de Portugal. A primeira edição com data certa é aquela de Augusta de 1504.

2.º) *Lettera di Amerigo Vespucci delle isole nuovamente trovate in quatro suoi viaggi*, mais conhecida por *Lettera al Soderini*, datada de Lisboa a 4 de setembro de 1504. Não traz a data da impressão, nem o nome do impressor, tendo sido publicada em Florença entre 1505 e 1506. Mais conhecida é a sua tradução latina anexa à *Cosmographia Introductio* publicada pelo geógrafo alemão Martin Waldseemüller (Hylacomilus) em Saint-Dié a 25 de abril de 1507, com o título *Insuper quatuor Americi Vespuccii navigationes*.

O segundo grupo é constituído de três cartas de Vespucci que existem por cópias sincrônicas, dirigidas ao seu amigo Lorenzo di Pier Francesco de Medici, a saber:

1.º) — A carta de 18, segundo o *Códice Riccardiano 2112 bis* ou de 28 de julho de 1500, de acôrdo com o *Códice Riccardiano 1910*, expedida de Sevilha, descrevendo a sua viagem a serviço do rei da Espanha em 1499-1500. Foi publicada pela primeira vez em 1745 por Ângelo Maria Bandini.

(1). — Henry Vignaud — *Études critiques sur la vie de Colomb avant ses découvertes*. Paris, 1905, páginas 1 e 2.

(2). — Alberto Magnaghi — *Amerigo Vespucci — studio critico*. Roma, 1924, dois volumes.

2.º) — A carta de Cabo Verde, datada de 4 de junho de 1501 e existente por cópia no *Códice Riccardiano 1910*. Foi publicada pela primeira vez em 1827 pelo conde Baldelli Boni na sua obra *Il Milioni di Marco Polo*. Contêm a narração da viagem de 1501-1502 desde Lisboa até Cabo Verde, e dá detalhadas informações sôbre a viagem de Cabral à Índia, obtidas de um intérprete de nome Gaspar, da frota dêste capitão-mor, quando parte dela esteve ancorada em Dacar.

3.º) — *A carta de Lisboa de 1502*, (sem a data do dia e mês, mas provávelmente dos primeiros dias de agôsto) descrevendo a viagem realizada em 1501-1502 a pedido do rei D. Manuel de Portugal. E' a continuação da carta de Cabo Verde. Foi publicada pela primeira vez em 1789 por Francisco Bartolozzi. Existe por cópia em dois códices: no *Riccardiano 1910* e no *Stroziano 318*. Êste da Biblioteca Nacional de Florença, e aquêle da Biblioteca Riccardiana da mesma cidade.

Enumeradas, como acabamos de fazer, as cartas atribuídas a Vespucci, passamos ao exame crítico das que foram dadas à publicidade quando ainda era vivo o Florentino.

*
* * *

A *Mundus Novus*, primeira carta a ser publicada, é a mais conhecida de tôdas. Teve divulgação rápida, porque, só no primeiro ano da impressão, contam-se doze edições e, em 1550, tinham atingido a cinqüenta, sendo de notar que foi imediatamente após a primeira edição, traduzida para o italiano, francês, alemão, holandês, etc.

A data certa em que esta carta foi publicada pela primeira vez não é possível ser estabelecida com segurança. Henry Harrisse opina que foi entre 1502 a 1508; Fumagalli diz entre 1502 e 1505; Oscar Peschel admite a data de 1503 ou 1504. Mas a edição que tem data, é aquela feita em Augusta em 1504.

Os editôres e tradutores dessa carta, com interêsse em ganhar dinheiro, procuravam iludir os incautos leitores da época, dizendo que direta era a fonte onde haviam obtido a narração da viagem de Vespucci ao Brasil.

Vignaud diz que o documento original do qual provém a *Mundus Novus* infelizmente está perdido e que dêle não existe nenhum vestígio (3). Si êste notável americanista não estivesse preocupado em seguir de olhos vendados as pegadas de Varnhagen (4), se tivesse feito um estudo demorado das fontes referentes às viagens de Vespucci, se tivesse confrontado, nos seus menores de-

(3). — Henry Vignaud — *Americ Vespuce, sa biographie, sa vie, ses voyages*, etc. Paris, 1917, pg. 16.

(4). — Francisco Adolfo de Varnhagen — *Amerigo Vespucci, son caractère*, etc. Lima, 1867, pg. 9.

talhes, os dizeres da *Mundus Novus* com a carta que, de Lisboa, em 1502, o Florentino enviou ao seu amigo Lorenzo di Pier Francesco de Medici, à semelhança do que fêz Alberto Magnaghi (5), chegaria como êste à conclusão de que a *Mundus Novus* é uma compilação e não uma mera tradução, e que o elemento-base existe: é a carta acima referida, enviada de Lisboa, em 1502, por Vespucci, ao citado Medici.

Verifica-se pela leitura atenta da *Mundus Novus*, conter ela uma série de contradições e mesmo erros grosseiros de geografia e náutica, que não são encontrados na carta de Lisboa de 1502. Vamos apontar, de acôrdo com Magnaghi, apenas as contradições e os erros mais importantes para não alongarmos esta palestra.

No comêço da *Mundus Novus* diz Vespucci que, em dias precedentes, teve oportunidade de escrever “*de modo suficientemente amplo*” ao Medici e, logo depois declara que a carta que escreveu “*apenas sucintamente expõe os fatos principais*”. Ora, se já tinha escrito “*de modo suficientemente amplo*”, que necessidade havia de tornar a escrever “*sucintamente*” expondo os “*fatos principais*”? No final da *Mundus Novus* manifesta a intenção de voltar à sua pátria dizendo “*e logo que o serenissimo rei se digne de restituir-me o terceiro*” (o relatório desta terceira viagem), “*esforçar-me-ei por alcançar novamente a pátria e o repouso*”. Mas linhas adiante declara: “*excogito comigo ainda agora efetuar uma quarta expedição*”, acrescentando que lhe foram prometidos dois navios “*devidamente equipados*”, e que para partir não espera senão a ordem do rei. Referindo-se aos selvagens, diz Vespucci: “*gente essa que afirmo ser pacífica e tratável*”, mas logo em outro tópico declara textualmente que “*se matam b̄rbaramente*” e que “*se entredevoram uns aos outros e a carne humana lhes é comum entre as viandas*”.

Quanto aos erros de geografia e náutica, vejamos apenas os mais grosseiros. Diz a *Mundus Novus*: “*por vinte meses velejamos ininterruptamente para o meio dia*”. Mas se a viagem durou de maio de 1501 a julho de 1502, o tempo gasto foi de 14 e não de 20 meses. Das Canárias se dirigiram para o Atlântico desviando-se “*um pouco no sentido do ocidente, por efeito do vento a que chamam Vulturno*”. Mas êste é um vento de E. S. E., ao passo que o rumo da navegação é O. S. O. No final da *Mundus Novus* se lê: “*...já se me fêz promessa de duas embarcações devidamente equipadas, para que me apreste a, impellido pelo vento Áfrico, procurar novas terras na direção de sueste*”. Porém o vento Áfrico é de O. S. O., portanto do ocidente, e na direção de sueste, encontraria terras da África e não do Novo Mundo. Aproximados ao cabo de São Roque, diz a *Mundus Novus*, “*deliberamos navegar na direção leste ao longo do litoral*”, até chegarmos depois de 300 léguas a um ângulo “*onde o litoral se inclina para o meio dia*”, isto é, ao cabo

(5). — *Obra citada*, volume I, pgs. 80 a 94.

de Santo Agostinho. Mas do cabo de São Roque ao de Santo Agostinho, a costa corre quase que positivamente para o S., e a partir do cabo de Santo Agostinho começa a tomar a direção S. O. Diz a *Mundus Novus* que nas costas do Brasil “há grande quantidade de pérolas”, sendo esta frase tirada de um dos tópicos da narração da segunda viagem de Vespucci às costas de Pária, contida na *Lettera al Soderini*.

Não é admissível que o verdadeiro Vespucci tenha caído em tantas contradições como tem a *Mundus Novus*; que fôsse capaz de cometer os erros crassos de geografia e náutica que apontamos nessa carta, de vez que já tinha viajado bastante em 1499-1500, em parte com Alonso de Hojeda, para não ser um bisonho em tais ciências. Só um compilador de pouca cultura podia se aproveitar da carta de Lisboa de 1502 para transformá-la a seu sabor, enxertando fantasias, incorrendo em tantas contradições e praticando os erros náuticos e geográficos que apontamos na *Mundus Novus*.

Mas poderão dizer: por que não admitir o contrário, por que não se dar crédito a que a carta de Lisboa de 1502 ao Medici seja uma falsificação da *Mundus Novus*? Respondemos: neste caso o falsário teria então agido visando a um destes dois objetivos: ou realçar a figura de Vespucci ou tornar mais atraente a narração da viagem ao Brasil. Mas quer num caso, quer noutra, a carta de Lisboa de 1502 devia então ter sido ainda mais extensa que a *Mundus Novus*. No entanto, a carta de Lisboa ao Medici não só é menos extensa que a *Mundus Novus* mas também está expurgada de tudo que é supérfluo em uma carta de amigo para amigo, de tudo que é inverossímil, de tudo que é incoerência e erros grosseiros de geografia e náutica.

E depois, quem adultera um documento, visa a lucro ou resultado imediato. A nossa opinião de que *Mundus Novus* é uma carta forjada para ilaquear a boa fé dos incautos, não passando de uma adulteração da carta de Lisboa de 1502 ao Medici, está plenamente justificada porque essa carta foi impressa muitas vezes e largamente difundida por quase tôda a Europa. O compilador obteve imediata recompensa pelo seu trabalho, seja se pretendeu ganhar dinheiro, seja se teve em mente enaltecer os méritos de Vespucci.

O que não é admissível é que alguém naquela época tivesse a idéia de forjar uma carta tomando por base a *Mundus Novus*, apenas com o intuito de conservá-la encerrada nas páginas de um caderno, como ocorre com a carta de Lisboa de 1502 ao Medici, a qual, durante quase três séculos, esteve completamente esquecida nas páginas dos códices *Riccardiano 1910* e *Stroziano 318*.

Devemo-nos lembrar que, na época em que os copistas, autores dos referidos códices, trasladavam em seus cadernos a carta de Lisboa de 1502, ainda ninguém sonhava pôr em dúvida as viagens de Vespucci, ainda não se tinham iniciadas as polêmicas ves-

púcias, para que se cuidasse de refazer ou forjar documentos pró ou contra o Florentino.

Acresce ainda esta circunstância: o *Códice Riccardiano 1910* onde se acha a carta de Lisboa de 1502, contém, por cópia, cartas que diversos florentinos, residentes em Portugal e Espanha, enviaram a amigos de Florença, tais como de Girolamo Sernigi, Pietro Rondinelli, Bartolomeo Marchioni, Tomaso Detti, Francesco Corbinelli e outros, sem que até hoje ninguém tenha posto em dúvida a honestidade do copista, sem que lhe atribuam a falsificação ou adulteração dessas cartas. Porque então querem fazer exceção das cartas que Vespucci enviou a Lorenzo Di Pier Francesco de Medici, existente igualmente por cópia nesse códice?

Mas a verdade é fácil de ser explicada. Quando a carta *Mundus Novus* foi publicada pela primeira vez, tôda a Europa estava ávida de conhecer o mais detalhadamente possível o que encerravam as terras do ocidente. Para satisfazer essa natural curiosidade, os “repórteres” daquela época, de comum acôrdo com os impressores, tôda a vez que podiam obter uma cópia das cartas ou relatórios que os navegantes, ao voltarem de suas viagens, enviavam às pessoas amigas ou aos governos a que serviam, mais por escopo comercial do que por outro motivo, compilavam descrições de viagens enxertando narrações prenhes de tôda a sorte de fantasias e as imprimiam, com a possível urgência, em folhetos que, à semelhança dos jornais de agora quando narram qualquer acontecimento sensacional, eram procurados com avidez por tôda a parte.

*
* *
*

A *Lettera al Soderini* é um opúsculo de 32 páginas, formato quarto pequeno. Os exemplares dêsse folheto são raríssimos, pois apenas temos notícia de 5 dêles, a saber: o primeiro, da Biblioteca Palatina de Florença; o segundo da Biblioteca do Museu Britânico; o terceiro da Biblioteca da Universidade de Princeton, do qual possuímos um exemplar da edição fac-similar; o quarto que possuía Varnhagen, cujo destino ignoramos; e finalmente o quinto que pertenceu ao marquês Gino Capponi, ora extraviado.

De acôrdo com as investigações feitas por Peignot, Henry HARRISSE, Napione, Varnhagen e Michel KERNY, a *Lettera* foi impressa entre 1505 e 1506 para o livreiro Piero Paccini, de Florença, pelo impressor da mesma cidade, Gian Stefano di Carlo di Pavia.

A edição italiana da *Lettera* que é a primeira, não foi endereçada a Pedro Tomasso Soderini nem a nenhuma outra pessoa, se bem que se depreenda do exórdio ter sido escrita a essa alta personalidade da República de Florença. O nome de Soderini todavia aparece em duas cópias manuscritas dêsse opúsculo: uma no *Códice Riccardiano 1910* e outra num códice do século XVIII, existente na Biblioteca Magliabechiana.

A *Lettera* apesar de ser um folheto maior e mais interessante do que a *Mundus Novus*, ornado de ilustrações fazendo alusão às quatro viagens de Vespucci, portanto de aparência e leitura atraente, não conseguiu passar de uma única edição, o que não deixou de impressionar Vignaud (6) que procurou explicar essa anormalidade dizendo que a versão latina da mesma, feita pelos chamados eruditos de Saint-Dié em 1507, desviou a atenção dos humanistas do texto italiano que caiu no mais completo esquecimento.

Mas na Itália do Renascimento o interesse pelos descobrimentos marítimos era enorme, principalmente em Florença onde residiam os banqueiros que financiavam as expedições portuguesas e espanholas, e em Veneza que procurava manter o monopólio do comércio das especiarias, de modo que tudo justificava várias edições da *Lettera*. Sem levar em conta a tradução latina feita em Roma, por Leandro de Cozco, a 25 de abril de 1493, da carta de Colombo a Rafael Sanchez, tesoureiro dos Reis Católicos, datada de 14 de março desse mesmo ano narrando a sua primeira viagem ao Novo Mundo, nós sabemos que o secretário da embaixada de Veneza, na Espanha, de nome Ângelo Trevisan, enviou em 1501 ao almirante Domênico Malipiero uma narração das três primeiras viagens de Colombo e das de Vicente Pinzon e Alonso Niño à América obtida de Pedro Martir de Angleria, que Albertino Verellese publicou em 1504 em Veneza com o título: *Libretto de tutta la navigatione del re di Spagna de le isole et terreni novamente trovati*. Pouco depois, em 1507, Francazano da Montalboldo publicou em Vicencia uma coletânea de descrições de viagens e descobrimentos sob o título: *Paesi novamente ritrovati et Novo Mundo de Alberico Vesputio florentino intitolato*, reproduzindo o *Libretto*, traduzindo a *Mundus Novus* e descrevendo pela primeira vez as viagens de Cá da Mosto, de Vasco da Gama e de Cabral, esta de acôrdo com a narração, que dela fêz, em 1501, ao almirante Domênico Malipiero, o núncio de Veneza em Lisboa, de nome Giovanni Matteo Cretico. Esse pequeno livro de Montalboldo teve tal sucesso que foi reeditado em 1508, 1512 e 1515 em Milão; 1517 e 1521 em Veneza. Foi traduzido para o latim e publicado em Milão em 1508, para o alemão também em 1508 e para o francês em 1515.

Ora, se assim é na realidade, se na Itália as narrativas de viagens e descobrimentos marítimos despertavam vivo interesse, por que então a impressão da *Lettera* não passou de uma única edição, daquela feita em Florença em 1505 ou 1506? Porque nesta cidade, onde havia natural curiosidade pelos descobrimentos marítimos, de vez que seus banqueiros, tais como os Medici, os Marchioni, os Sernigi e outros, financiavam as expedições portuguesas e es-

(6). — *Americ Vespuce*, etc. Paris, 1917, página 35.

panholas, a *Lettera* nunca mais foi impressa, exclusão feita da primeira edição?

Quer nos párecer que a razão está no fato de ser ela considerada apócrifa em vista de serem conhecidas as verdadeiras cartas que Vespucci tinha escrito a Lorenzo di Pier Francesco de Medici, seu patrão e amigo, as quais eram copiadas e recopiadas pelas pessoas de Florença, que se interessavam por descrições de viagens. Reforça esta nossa opinião o fato singular do editor da *Lettera* procurar forçar a sua venda, ora anexando-a ao opúsculo de São Basílio, impresso em 1506, ora à carta de André Corsali estampada em 1516. Acresce ainda esta circunstância posta em relevo por Magnaghi (7). A *Lettera* foi impressa em Florença e, quem a publicou, proposadamente ocultou o local da impressão, a data e bem assim o nome do destinatário. Ora, isso só se explica porque a *Lettera* foi forjada de comêço ao fim e, quem isso fêz, teve receio, e achou mais prudente apenas deixar veementes indícios de ter sido ela endereçada a Soderini.

De acôrdo com a *Lettera*, Vespucci partiu para as suas viagens e delas regressou nas seguintes datas:

	<i>Partidas</i>	<i>Regressos</i>
1. ^a viagem	— 10 de maio de 1497	15 de outubro de 1498
2. ^a ”	— 16 de maio de 1499	8 de setembro de 1500
3. ^a ”	— 10 de maio de 1501	7 de setembro de 1502
4. ^a ”	— 10 de maio de 1503	18 de junho de 1504

Como se vê, as viagens foram iniciadas tôdas no mês de maio e, com exclusão da segunda, tôdas no dia 10. E' admissível que procurassem zarpar em determinada época do ano, porque a experiência aconselhava que ela era a mais propícia para tirar vantagens dos ventos e correntes marítimas. Mas que três dessas viagens se tenham iniciado no mesmo mês e no mesmo dia, tanto partindo de Cadiz como de Lisboa, e que tenham durado quase que o mesmo tempo, apesar de terem sido percorridas distâncias diferentes, não é admissível. Por exemplo: na segunda viagem, Vespucci atingiu apenas 5 graus de latitude sul e, na terceira, foi até 50. No entanto, de acôrdo com a *Lettera*, o tempo gasto tanto numa como noutra viagem, foi o mesmo.

Ora, Vespucci, ou qualquer outra pessoa que entendesse de navegação, não podia ser o autor dessa disparatada distribuição de datas. E, depois, tanto em Sevilha como em Lisboa, residiam florentinos que eram agentes de casas comerciais e de banqueiros de Florença, interessados nessas viagens. Esses agentes escreviam aos seus amigos e parentes e, principalmente, aos seus patrões, relatando tais viagens como podemos verificar pelas cartas de Piero

(7). — *Obra citada*, volume I, página 125.

Rondinelli, Giovanni da Empoli e outros que fazem direta alusão às de Vespucci. Assim sendo, êste navegante estava impossibilitado de adulterar a verdade e seria um verdadeiro embusteiro se distribuisse as suas viagens como estão na *Lettera*, pois em Florença não faltaria quem o apontasse como mentiroso.

Conforme a *Lettera*, atingiu Vespucci, na segunda viagem, um ponto no litoral da América do Sul, situado a 5 graus de latitude sul, onde se lhe deparou uma terra alagada, cheia de grandes rios, não podendo aí realizar desembarques porque não havia local que não estivesse inundado. Pois na terceira viagem chegou a essa mesma latitude, mas dessa vez encontrou uma terra amena e de boa aparência, que não estava alagada. Ora, se Vespucci, tanto na segunda, como na terceira viagem, partiu quase que no mesmo dia do mês de maio, certamente que chegou tanto numa como noutra viagem, na mesma estação do ano, no litoral do Brasil. Portanto, nada pode explicar essa disparidade tão acentuada de aspecto do litoral brasileiro, situado a 5 graus de latitude sul, a que se refere a *Lettera*, a não ser o pouco cuidado com que ela foi forjada.

Magnaghi (8) fazendo um elevado número de confrontos entre tópicos da *Lettera* e documentos da época, inclusive várias narrações de viagens, demonstra ser ela uma verdadeira colcha de retalhos. Assim, na descrição da primeira viagem, o compilador recorreu à *Mundus Novus*, à carta de Lisboa de 1502 enviada por Vespucci ao Medici, ao *Libretto di tutta la navigazione del re de Spagna*, à narração da viagem de Michele da Cuneo e até à de Marco Polo. Quanto à segunda viagem, nota-se conter ela várias passagens da carta que de Sevilha escreveu Vespucci ao Medici em julho de 1500, da descrição da viagem de Michele da Cuneo e, provavelmente, das narrações das viagens de Simone dal Verdi e de Alonso Niño. Em se tratando da terceira viagem, observa-se que a descrição foi feita recorrendo à carta que de Cabo Verde enviou Vespucci ao Medici em 4 de junho de 1501, à *Mundus Novus* e à carta de Giovanni da Empoli, remetida a seu pai em 16 de setembro de 1504. Quanto à quarta viagem, esgotadas pelo compilador tôdas as fontes, a narração é curta, se bem que se notem algumas passagens que foram inspiradas pela leitura das cartas de Piero Rondinelli, de 3 de outubro de 1502 e da referida de Giovanni da Empoli.

Com que fim teriam forjado a famosa *Lettera al Soderini*, quebra-cabeça dos estudiosos de Vespucci e suas viagens? Se visaram lucro foram infelizes, porque trabalharam apenas para os chamados eruditos de Saint-Dié que, só no ano de 1507, fizeram 7 edições da *Quatuor Navigationes*, ao passo que a edição fiorentina, como sabemos, não passou de uma só.

(8). — *Obra citada*, volume I, páginas 210-248.

No caso de terem procurado enaltecer os méritos de Vespucci, arranjando para êle quatro viagens a fim de colocá-lo em pé de igualdade com Colombo, não podiam ter tido idéia mais infeliz porque a *Lettera*, com os absurdos que tem, é até hoje a fonte inesgotável onde os gratuitos detratores de Vespucci vão buscar sólidos argumentos para apontá-lo, como lemos alhures, como “noveleiro mentiroso, astrônomo improvisado, cosmógrafo que repete conceitos de outrém, falso descobridor que se apropria de glórias alheias”.

*

* * *

Provado serem apócrifas as cartas *Mundus Novus* e *Lettera al Soderini*, restam aquelas dos códices florentinos que Napione, Humboldt, Peschel e D’Avezac aceitam como autênticas e que Magnaghi após exaustivas pesquisas e profunda análise, evidenciou serem as únicas dignas de crédito.

Como já referimos, essas cartas são aquelas que Vespucci escreveu ao seu amigo e patrão Lorenzo di Pier Francesco de Medici, respectivamente de Sevilha em 18 ou 28 de julho de 1500; de Cabo Verde em 4 de junho de 1501; e de Lisboa nos primeiros dias de agosto de 1502. São elas encontradas por cópia em três códices existentes na Biblioteca Riccardiana e na Nacional de Florença, sendo êles, como já dissemos o *Riccardiano 1910*, e *Riccardiano 2112 bis* e o *Strozziano 318*.

De acôrdo com essas cartas, Vespucci apenas realizou duas viagens à América: a primeira a serviço dos Reis Católicos em 1499-1500, em parte com Hojeda; a segunda em 1501-1502 a pedido do rei D. Manuel de Portugal. Assim, das quatro viagens dêsse navegante a que se refere a *Lettera al Soderini*, a de 1497-1498 a mando de Fernando e Isabel, e a de 1503-1504 a convite do referido rei de Portugal, não passam de fantasias forjadas pelo compilador dêsse pretenso documento.

O mais importante dos três citados códices florentinos é o *Riccardiano 1910* que examinamos demoradamente e obtivemos fotocópias de algumas de suas páginas, quando em maio de 1951 estivemos em Florença. O seu autor está agora identificado por Gustavo Uzielli (9), o que não ocorria quando em 1858 Varnhagen examinou êsse códice. Trata-se de Piero Vaglianti, pertencente a uma tradicional família de ourives de Florença, que se dedicou ao comércio em Pisa, terminando os seus dias em 1514 na sua cidade natal, como empregado da opulenta firma Sernigi, que possuía filial em Lisboa.

*

* * *

(9). — Revista *Toscaneli*, Florença, janeiro de 1893, pgs. 27 a 34.

Para a nossa palestra a carta que interessa é aquela que Vespucci enviou de Sevilha em 18 ou 28 de julho de 1500, a seu amigo e patrão Lorenzo di Pier Francesco de Medici (que não deve ser confundido com Lourenço o *Magnífico*), descrevendo a primeira viagem ao Novo Mundo em 1499-1500, a serviço do rei da Espanha.

Resumidamente diz o Florentino, nessa carta, que, por encargo do referido rei, partiu de Cadiz em 18 de maio de 1499, com duas carávelas, para ir realizar descobertas do lado do ocidente, pelo que se dirigiu às Canárias onde fez provisão do necessário para a viagem. Partindo da ilha Gomera rumo sudoeste, ao cabo de 24 dias de navegação avistaram terra que estava distante de Cadiz 1.300 léguas. Arrearam os batéis para realizar desembarque, mas logo verificaram a impossibilidade de conseguir êsse objetivo, dado o fato da terra ser baixa, e espessa a vegetação. À vista disso, andaram com os batéis, ao longo da terra, todo o dia, até à noite e, como não encontrassem o procurado ponto de desembarque, resolveram voltar aos navios e ir tentar abordá-la em outra parte. Observaram então um fenômeno por êles nunca visto, tal como aquêle de poderem beber água doce a 25 léguas da terra. Atingidos os navios, levantaram âncora e fizeram-se de vela para o sul, porque era intenção de Vespucci ver se podia dobrar o cabo que Ptolomeu denominava Cattigara que, de acôrdo com a sua opinião, não estava muito distante. Navegando para o sul, deparou-se-lhes a foz de dois grandíssimos rios, sendo que um vinha do oeste e corria para leste e tinha de largura 4 léguas ou 16 milhas; outro corria do sul para o norte e era largo 3 léguas ou 12 milhas. Eram êsses dois rios que dulcificavam o mar por serem caudalosos. Magnaghi (10) esclarece que Vespucci se refere ao estuário do Amazonas a sudoeste da ilha Caviana, fazendo alusão ao ramo principal da esquerda, e ao outro grande estuário que se dirige de sul a norte e que fica à direita da ilha dos Porcos.

Resolveram penetrar em um dêsses dois estuários com os batéis, que transportavam 20 homens e alimentos para 4 dias. No fim de 2 dias de navegação haviam avançado rio a dentro 15 léguas, notando sempre que a terra era baixa, e espessa a mata, percebendo também sinais de ser ela habitada. Lembrando-se, porém, de que os navios estavam ancorados em lugar perigoso caso o vento soprasse de través, resolveram voltar às carávelas, o que fizeram.

Navegando para o sul e afastados do litoral, encontraram uma corrente marítima que corria de sudeste para noroeste. Era tão forte que não só punha em risco os navios, como também impedia a navegação apesar do vento favorável que soprava. Era uma corrente tão forte que as do estreito de Gibraltar e do farol de Messina, assemelhavam-se a tanques onde a água está estagnada. As-

(10). — *Obra citada*, volume II, pgs. 145 a 146.

sim sendo, resolveram virar as proas dos navios e navegar rumo noroeste. Como é fácil de notar, Vespucci, neste trecho de sua carta, alude à corrente das Goianas, um dos ramos da corrente equatorial que se bifurca nas proximidades do cabo de São Roque, indo um ramo para noroeste e outro para sudoeste, isto é, para o litoral brasileiro.

Passa em seguida Vespucci a descrever a navegação quanto à longitude e latitude, dizendo em um dos tópicos de sua carta: “E tanto navegamos pela zona tórrida da parte do austro que nos encontramos *abaixo da linha equinocial, tendo um polo e outro no fim do nosso horizonte e, ao atravessá-la seis graus*, perdemos de todo a estrêla polar norte, apenas avistando outras estrêlas da Ursa Menor ou, para dizer melhor, as guardas que giram no firmamento.”

Depois de outras considerações sôbre latitude, diz textualmente Vespucci: “Tendes de notar que esta navegação foi nos meses de *julho, agôsto e setembro*, em que, como sabeis, o sol reina mais de continuo neste hemisfério, e faz maior o arco do dia e menor o da noite. Enquanto nós estávamos *sôbre a linha equinocial ou afastados dela cêrca de 4 a 6 graus*, o que foi nos meses de *julho e agôsto*, a diferença entre o dia e a noite não se percebia, e quase que os dias eram iguais, pois que muito pouco era a diferença”.

Convém ser aqui posto em relêvo que Vespucci nestes dois tópicos declara, de modo bem claro, ter passado a equinocial na sua navegação ao longo do litoral brasileiro e atingido 6 graus de latitude sul, isto é, ultrapassado o cabo de São Roque.

Em seguida, passa o Florentino a ocupar-se da longitude e descreve o seu método de determiná-la por meio das distâncias lunares e das ocultações (11).

(11). — O professor Duarte Leite (*Seara Nova*, Lisboa, 10-17 de junho de 1950) é de parecer que a passagem da carta de Vespucci ao Medici, referente a determinação da longitude por meio da distância angular da Lua ao planeta Marte, não passa de uma interpolação que foi feita três anos após a morte do Florentino, isto é, em 1515. Acrescenta mais que o astrônomo Herman Wagner é de opinião que o tópico em apreço foi forjado após haver o astrônomo João Wener, em 1515, anunciado o seu método das ocultações de planetas pela Lua.

Quando em 1917 o astrônomo Herman Wagner disse que a descrição do processo da determinação da longitude pelas ocultações de planetas pela Lua, referindo-se à carta de Sevilha, era forjada, o seu principal argumento, e isso sabe o professor Duarte Leite, foi baseado na convicção de que essa carta era apócrifa, quando agora sabemos, inclusive o ilustre professor, que que ela é autêntica.

Como verificamos, quando em 1951 estivemos em Florença, no caderno de Piero Vaglianti ora conhecido por *Códice Riccardiano* 1910, a carta de Vespucci ao Medici, remetida de Sevilha a 28 de julho de 1500, é o terceiro documento copiado, sendo que após esta carta, Vaglianti copiou mais trinta, não deixando o menor espaço disponível entre as cópias. Assim, mesmo que quisesse mais tarde adular a cópia da carta de Sevilha, acrescentando-lhe algumas linhas, isso seria impossível por falta absoluta de espaço. O sábio historiador e paleógrafo italiano Gustavo Uzielli, biógrafo de Piero Vaglianti, diz que este encerrou o seu caderno em 1513, e em 1514, veio a falecer. Como João Wener, não em 1515, como erradamente diz o professor Duarte Leite, mas em 1514, anunciou o seu método das ocultações de planetas pela Lua, mesmo que existisse espaço disponível no caderno de Vaglianti, seria pouco provável que naquela época, em que as notícias eram

Após isso, volta a descrever a navegação, dizendo que interrompida ela para o sul devido à corrente equatorial, rumou para noroeste e navegou sempre até que foi ter a uma ilha situada a 10 graus de latitude norte, provavelmente a Trindade. Nessa ilha encontraram os selvagens *Canibais* que andavam nus e comiam carne humana. Partiram dessa ilha e entraram num golfo conhecido por Pária, onde se lhes deparou um rio caudaloso que tornava doce a água do golfo, o qual deve ser o ramo mais ocidental do Orenoco. Realizaram aí desembarque, tendo boa acolhida da parte dos habitantes, os quais informaram serem antropófagos os da Trindade.

Sairam do golfo de Pária pela boca do Dragão e navegaram ao longo da costa, avistando sempre aldeias de selvagens que davam tudo que tinham aos tripulantes dos navios. Depois de terem percorrido 400 léguas, chegaram à conclusão de que estavam em presença de terra firme a qual, segundo diziam, ficava no confim da Ásia pelo lado do oriente, e em seu princípio pelo lado do ocidente. Essa opinião era fundamentada entre outros motivos, pela fauna que não podia ser de ilha.

Depois dessas 400 léguas percorridas, começaram a encontrar selvagens que recusavam qualquer contacto com a maruja e que sempre a recebiam de modo agressivo, quando com os batéis tentavam qualquer desembarque. Dêsse modo, aconteceu certo dia descerem em terra e daí resultou um sangrento combate entre 26 tripulantes dos navios e elevado número de selvagens. Nesse combate mataram 150 inimigos e foram incendiadas 180 de suas cabanas, mas, por sua vez, tiveram muitos feridos, tanto assim que, após voltarem aos navios, procuraram um porto onde, durante 20 dias, o médico tratou dos feridos.

Continuando a navegar, foram ter a uma ilha que ficava afastada de terra firme 15 léguas, a qual supunham desabitada. Desembarcaram nela 11 homens que penetraram terra a dentro 2 léguas e meia, encontrando uma aldeia de selvagens gigantes, tanto os homens como as mulheres, que os trataram bem dando-lhes de comer e de beber, ilha denominada *dos gigantes*, hoje identificada como a Curaçau. Desta foram a uma outra, que ficava distante 10 léguas, onde depararam com uma coisa inesperada: uma aldeia

divulgadas com grande morosidade, tivesse êle conhecimento do referido método de Werner com tempo de acrescentá-lo ao seu caderno.

Frederick J. Pohl (*Américo Vespúcio*, edição argentina, página 272) diz que Melvin V. Landon, da Universidade de Maine, fez computações para determinar os tempos exatos das conjunções no ano de 1499 em Ferrara e outros lugares onde Vespucci fez seus cálculos. Landon usou as tábuas preparadas por P. V. Neugebauer, *Tafeln zur astronomische Chronologie*, 3 vol. 1912, 1914, 1925, e também *Genaerhte Tafeln für Sonne und Planeten*, na *Astronomische Nachrichten*, n.º 5.937, Vol. CCXLVIII, março, 1933. Disse Landon que os resultados apresentados por Vespucci são exatos dentro de uma aproximação de 30 minutos. Cito as suas palavras textuais: "A maioria dos cálculos caem dentro destes limites. A conjunção de 23 de agosto, de 1499, é exata com uma diferença provável de alguns minutos". Fiquemos nestas ligeiras notas, pois que a nossa palestra não comporta um estudo profundo sobre a capacidade astronômica do Florentino.

edificada sôbre estacas de madeira, recordando Veneza. Aí tiveram combate com seus habitantes, dos quais se apoderaram de grande quantidade de algodão, observando também que as traves das habitações eram de pau-brasil. Talvez seja a ilha *Aruba*, que figura nos mapas de Juan de la Cosa e Nicoló Cavério, com o nome de "*isola de brasil*".

Dessa ilha navegaram mais 300 léguas pela costa da terra firme, vendo sempre selvagens e muitas vêzes com êles combatendo, sendo que de uma feita fizeram 20 prisioneiros, entre os quais 7 intérpretes que não se entendiam entre si. Diz Vespucci que depois de terem navegado 700 léguas, estando os navios avariados e a tripulação fatigada, resolveram ir ter a ilha de Haiti, que distava do local onde estavam 120 léguas, onde chegaram após 7 dias de navegação.

Em Haiti ficaram 2 meses reparando e abastecendo os navios e, isso feito, partiram rumo norte onde após 200 léguas de percurso, foram ter a uma ilha onde aprisionaram 232 selvagens destinados a serem vendidos como escravos. Daí tomaram o rumo de Castela, atingindo em 67 dias de navegação os Açores. Dêsse arquipélago partiram para seu destino, mas devido a ventos contrários foram forçados a ir às Canárias e em seguida a ilha da Madeira, de onde finalmente rumaram para Cadiz onde chegaram em meados de junho de 1500.

Estiveram nessa viagem 13 meses, navegaram cêrca de 5000 léguas ou 20 mil milhas. E continuando a sua narração, diz textualmente Vespucci: "*Em conclusão, passamos a linha equinocial 6 graus e meio do lado do ocidente.*"

*
* *
*

E' hoje do domínio pacífico da história, que essa viagem de Vespucci, que acabamos de resumir, servindo-nos da carta que a 18 ou 28 de julho de 1500 enviou êle de Sevilha ao seu amigo e patrão Lorenzo di Pier Francesco de Medici, tem íntima relação com aquela que Alonso de Hojeda e Juan de la Cosa realizaram em 1499-1500 e de que temos notícia pelo depoimento feito por Hojeda em São Domingos a 8 de fevereiro de 1513, nas *Probanzas del Fiscal*, que é do teor seguinte:

"Alonso de Hojeda dice, que la verdad de esta pregunta es que este testigo es el dicho Hojeda, que vino á descubrir: el primero hombre que vino á descubrir despues que el Almirante, é descubrió al mediodia la terra firme, é corrió por ella así 200 leguas hasta Pária, é salió por la boca del Dragó, é allí conosció que el Almirante habia estado en la isla de la Trinidad junto con la boca del Dragó, é de allí corrió é descubrió la costa de la terra firme, hasta el golfo de las perlas é bojó la isla Margarita y la anduvo por tierra á pie, porque co-

nosció que el Almirante no sabia della nada mas de habella visto yendo su camino, é de ahí fué descubriendo toda aquella costa de la tierra-firme desde los Frailes hasta en par de las islas de los Gigantes, el golfo de Venecia que es en la tierra firme 200 leguas antes Pária, é de la de Pária hasta las perlas, é desde las perlas hasta Quinquibacoa: que lo que este testigo descubrió, nunca nadie lo habia descubierto ni tocado en ello asi el Almirante como otra persona, y que en este viage que este dicho testigo hizo, *trujo consigo à Juan de la Cosa, piloto, é Morigo Vespuche é otros pilotos*; que fué despachado este testigo para el dicho viage por mandado del dicho D. Juan de Fonseca, o bispo de Palencia, por mando de SS. AA." (12).

*
* * *

Na carta que Vespucci expediu de Sevilha a Lorenzo di Pier Francesco de Medici e que foi por nós resumida, declara não só ter penetrado cêrca de 15 léguas na foz do Amazonas, como também ter atravessado a equinocial e navegado ao longo do litoral brasileiro até 6 graus e meio de latitude sul. No entanto êsses fatos, de capital importância, não são relatados por Hojeda no seu depoimento aqui transcrito.

Varnhagen (13) procura explicar êsse silêncio do navegador espanhol dizendo que é verdade que êle não disse nada no seu depoimento a respeito da abordada no Brasil, da qual Vespucci nos dá noticia, mas que é incontestável que, além de não ter sido interrogado a não ser sôbre a descoberta da terra firme de Pária, podia querer fazer, como diversas outras testemunhas, uma declaração restrita, sobretudo quanto ao aproamento no Brasil, porque se dissesse a verdade, iria provar que tinha desobedecido as

(12). — Navarrete (Martin Fernandez de) — *Colección de las viages y descubrimientos que hicieron por mar los Españoles desde fines del siglo XV*. Buenos Aires, 1945, tomo III, página 528.

Como se vê, diz Hojeda no seu depoimento, que nessa viagem *trujo consigo à Juan de la Cosa, piloto, é Morigo Vespuche é otros pilotos*. Dêsse tópicos das declarações do destemido navegante espanhol, tal qual está escrito nas *Probanzas del Fiscal*, não se pode inferir que Vespucci tenha desempenhado as funções de piloto na expedição de Hojeda. O professor Duarte Leite, insigne historiador português, autor do mais recente livro (*Os falsos precursores de Alvares Cabral*, página 28) onde o Florentino é apontado como embusteiro, astrónomo improvisado e falso descobridor, também como nós opina que Vespucci não desempenhou na frota de Hojeda o cargo de timoneiro. Mas ao passo que, como iremos provar, exerceu o elevado posto de comandante da expedição espanhola destinada a explorar o Atlântico Sul, para o ilustre professor português não passou de mediocre mercador. Mas mercador para vender a quem, ou para comprar o que? Acaso quando Vespucci partiu para a sua viagem a noticia que então corria das terras do ocidente não se resumia em ser ela habitada por selvagens nus, apenas com abundância de macacos e papagaios?

Ninguém pode negar a grande capacidade náutica de Colombo, Bartolomeu Dias, Fernão de Magalhães e outros navegantes da época dos descobrimentos marítimos, sem que se possa provar onde êles se habilitaram para a realização dos seus importantes empreendimentos. Vespucci podia perfeitamente ter recebido lições de astronomia de seu tio Bartolomeu Vespucci que, em 1506, foi professor de astrologia na famosa Universidade de Pádua.

(13). — *Obra citada*, página 106.

instruções recebidas, segundo as quais não devia tocar em terras que, pelo Tratado de Tordesilhas, pertenciam a Portugal. Por outro lado, Hojeda devia recordar-se do que lhe tinha acontecido quando, ligando pouca importância à determinação de respeitar os domínios portugueses, desembarcou na ilha de Santiago, do arquipélago de Cabo Verde.

Mas êsses argumentos de Varnhagen não são consistentes:

1.º por que Juan de la Cosa no seu mapa de 1500, não teve o menor receio de inscrever uma legenda dizendo que o *cabo de la Consolación* (*Santo Agostinho*) *tinha sido* descoberto por Pinzon em 1500;

2.º por que nas *Probanzas del Fiscal*, declarou Pinzon que “es verdad que descubrió desde el cabo de Consolación, *que és en la parte de Portugal é agora se llama cabo de Santo Agostinho*, é que descubrió toda la costa, é luego corriendo al occidente la cuarta del nurueste, que así se corre la tierra”, etc. (14);

3.º por que o próprio Hojeda interrogado pelo Fiscal “si saben que Vicente Yañez Pinçon y los que conél fueron a descubrir descubrieron hasta la parte de lebante a la costa que está descubierta *hasta la punta que llaman de Santa Cruz e de San Agostin, de aqui entre la voca del ryo grande donde hallaran el agua dulce que entraba en la mar*”, respondeu que, “lo save como en ella se contiene porque los vyó este testigo yr a descubrir e vyó la figura que suas Altezas truxeron, *porque este testigo avya ya descubierta um pedazo de la mysama costa primero que ellos*” (15).

4.º por que em se tratando do ocorrido com Hojeda na ilha de Santiago, há manifesto equívoco da parte de Varnhagen. Êste navegante espanhol viu-se processado e condenado, não por ter desembarcado nessa ilha, mas devido a ter-se apoderado de 4 navios portugueses surtos no pôrto e bombardeado a cidade (16).

O fato de não ter Hojeda no seu citado depoimento feito a menor referência ao percurso da frota ao longo do litoral brasileiro, como nos conta Vespucci na sua carta de Sevilha ao Medici, é hoje em dia esclarecido satisfatoriamente, graças não só às investigações históricas, às novas interpretações dos documentos, mas também à publicação de importantes papéis encontrados no arquivo da família do Duque de Alba.

Os historiadores estão de acôrdo que duas foram as expedições que a 18 de maio de 1499 partiram de Cadiz para explorar terras do ocidente: uma sob o comando de Alonso de Hojeda, compreendendo 2 navios, outra com igual número de embarcações, tendo por chefe Vespucci.

(14). — Navarrete, *obra citada*, edição argentina, volume III, página 531.

(15). — *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, volume I, página 209.

(16). — Navarrete, *obra citada*, edição argentina, volume II, página 496.

Para segurança mútua, as duas frotas navegaram em conserva até atingir um ponto da costa da América do Sul situado a 200 léguas de Pária, local êste que o nosso grande historiador Joaquim Caetano da Silva diz ser a foz do rio Oyapoc (17). Neste ponto as duas expedições se separaram: Vespucci rumou para o sul e Hojeda velejou para noroeste.

Isso é confirmado pelo seguinte relato: Da "*Pesquisa contra Alonso de Ojeda sobre su primer viage a las Indias*" (18) ordenada pelo Governo Espanhol a pedido de Colombo, porque êsse navegante tinha desembarcado abusivamente em Yaquimo na ilha de Haiti e que, de acôrdo com Francisco Roldan (19), tinha praticado atos contrários aos direitos do Almirante, resulta que Hojeda a 5 de setembro de 1499, aportara à referida ilha com duas caravelas, sendo que uma era por êle comandada e outra por Fernando Guevara.

Nessa pesquisa, a testemunha Juan Velasquez, perguntada a respeito da tripulação da frota, cita Hojeda, Fernando Guevara, Juan de la Cosa, os pilotos Sanchez e Diego Martin, o médico e até o contra-mestre Nicola e um genovês de nome Simone, mas não menciona Vespucci que, como sabemos, exerceu o elevado cargo de piloto-mor da Espanha.

Onde então estava o Florentino? Na sua carta ao Medici, expedida de Sevilha a 18 ou 28 de julho de 1500, que conhecemos, diz êle que nos meses de julho, agosto e setembro esteve navegando ao longo da costa das Goianas e do Brasil, sendo que atingiu a ilha de Haiti, onde desembarcou, não em Yaquimo, como fez Hojeda, mas em S. Domingos, em fins de janeiro de 1500, portanto 5 meses depois de ter o navegante espanhol aportado nessa ilha, o que ocorreu, como já dissemos, a 5 de setembro de 1499. Hojeda voltou a Cadiz no começo de abril de 1500 (20) e o Florentino só em meados de junho dêsse mesmo ano.

* * *

- (17). — *L'Oyapoc et l'Amazone*, Paris, 1899, volume II, páginas 382 a 387.
(18). — Duquesa de Berwick y Alba — *Autógrafos de Colon*, Madrid, 1892, página 25.
(19). — Bartolomeu Las Casas — *História de las Indias*, Madrid, 1875, volume II, páginas 393 e 394.
(20). — Navarrete — *Obra citada*, edição argentina, volume III, página 525, depoimento de Nicolas Perez dizendo que Hojeda tinha voltado poucos dias depois de Alonso Niño e Christobal Guerra, sendo que êstes dois navegantes regressaram a 6 de abril.

O fato de Hojeda e Vespucci não aportarem na mesma data em Haiti e, bem assim, não desferrarem para Castela do mesmo pôrto e no mesmo dia, prova que êsses navegantes não fizeram juntos tôda a navegação. Aliás conta-nos Las Casas (*História de las Indias*, Madrid, 1875, volume II, página 394) que Colombo logo que teve noticia da chegada de Hojeda a Haiti, escreveu aos Reis Católicos dizendo textualmente o seguinte: "Hojeda chegou 5 dias ao pôrto onde há o Brasil (Yaquimo). Dizem êstes marinheiros que devido ao pouco tempo que partiu de Castela, não pode ter descoberto terra". Isto reforça a nossa opinião já bastante documentada, de que Hojeda navegou menos que Vespucci, não o tendo acompanhado no percurso desde a baía do Oyapoc que está a 4 graus e meio de latitude norte, até 6 graus e meio de latitude sul, quando percorreu o litoral norte brasileiro. Fica assim esclarecido o motivo de Hojeda no seu depoimento ao Fiscal, silenciar à abordagem no Brasil a que se refere o Florentino na sua carta de 28 de julho de 1500 ao Medici.

Não é apenas dos dizeres da carta que Vespucci escreveu de Sevilha a 18 ou 28 de julho de 1500 a seu amigo e patrão Lorenzo di Pier Francesco de Medici, que resulta pertencer-lhe a prioridade de ter percorrido o litoral brasileiro até 6 graus e meio de latitude sul e de ter penetrado 15 léguas na foz do Amazonas. Também na sua carta do Cabo Verde, datada de 4 de junho de 1501 e endereçada ao referido Medici, fazendo alusão ao desembarque de Cabral no Brasil, diz Vespucci que este capitão-mor aportou na mesma terra que êle descobriu para o rei de Castela, salvo que está mais a levante.

Sobem porém de importância para provar pertencer ao Florentino a prioridade do descobrimento do Brasil, os seguintes fatos:

Piero Rondinelli, que não podia ter a pretensão de ver publicada e discutida a carta que de Sevilha, enviou para Florença a 3 de outubro de 1502, diz textualmente em um dos tópicos dessa missiva: "Amerigho Vespucci arén qui fra pochi di, el qual à durato assai fatiche e à'uto poco profitto, che pure meritava altro che l'ordine: é Re di Portogallo arendó *la terra che lui discoperse* a certi Christiani novi..." (21). Isto é: Amerigo Vespucci estará aqui dentro de poucos dias, o qual suportou bastante fadigas e teve pouco proveito, pois merecia mais que a ordem; e o rei de Portugal arrendou *a terra que êle descobriu* a certos cristãos novos..."

Giovanni da Empoli que acompanhou Afonso de Albuquerque em 1503, na sua viagem à Índia, escreveu de Lisboa a 16 de setembro de 1504, uma carta a seu pai residente em Florença, sem nunca poder imaginar que ela passaria ao domínio público, onde existe esta passagem: "...e dessa partiti et navichando pura in decta volta, si trovano tanto avanti como la terra della Vera Crocie, è si nomata, *altra volta dischoperta per Amerigho Vespucci*, nella quale si fa buona somma di chassia et di verzino" (22). Isto é: "...e partindo daí e navegando na dita volta, nos achamos tanto avante com à terra de Vera Cruz, assim chamada, *em tempo descoberta por Amerigo Vespucci*, na qual se faz boa soma de canafístula e pau-brasil.

Na reunião havida em Sevilha, em 13 de novembro de 1515, onde os mais famosos pilotos e cosmógrafos da Espanha cuidaram de estudar o melhor meio de ser estabelecida a linha de demarcação de que cogitava o Tratado de Tordesilhas, veio à baila a questão referente à posição geográfica do cabo de Santo Agostinho. João Vespucci, piloto real, sobrinho de Amerigo, disse o seguinte: "Digo que el cabo de San Agostin esta 8 graus de la linea equinocial hácia el sur e esto lo digo por dicho Amerigo Vespucci *que fué al la dos viages al dicho cabo*, e alli tomó el altura muchas veces" (23).

(21). — *Raecolta Colombiana*, parte III, volume II, páginas 120 e 121.

(22). — *Raecolta Colombiana*, parte III, volume I, páginas 180 e 181.

(23). — Navarrete — *Obra citada*, volume III, páginas 319 e 320.

Santo Agostinho. Mas o seu sobrinho, como vimos, declarou numa reunião tão solene como aquela a que nos referimos, que o seu tio esteve *por duas vêzes* no citado cabo. Sendo assim, somos forçados a acreditar que, ao percorrer o litoral brasileiro, quando em 1499-1500 navegava a serviço dos Reis Católicos, Vespucci esteve no cabo de Santo Agostinho e mediu a altura do mesmo.

*
* *
*

Neste desprezencioso estudo sôbre Vespucci e a prioridade do descobrimento do Brasil, cuidamos da História com a merecida solenidade, isto é, buscamos a verdade onde ela estava.

E dessa busca chegamos à mesma conclusão a que já tinha chegado o insigne mestre Alberto Magnaghi: Vespucci é um personagem de grande relêvo que não pode ser diminuído pelos aventureiros da erudição, porque ingressou na história dos descobrimentos marítimos com todos os seus documentos em perfeita ordem (24).

THOMAZ OSCAR MARCONDES DE SOUZA

Sócio emérito do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo
e efetivo da Sociedade de Estudos Históricos de São Paulo

(24). — Os ignorantes e os gratuitos detratores de Vespucci, sustentam que êle usurpou a glória de Colombo, dizendo ter sido o primeiro a descobrir terra firme do Novo Mundo, razão pela qual o grande Genovês tinha-lhe ódio. Ora, isso é uma grande verdade que é desmentida por um documento existente no arquivo de Verágua, em Madri, que nada mais é do que uma carta que a 5 de fevereiro de 1505 escreveu Colombo a seu filho Diogo. Nessa carta existe êste tópicó com alusão a Vespucci: *"el sienpre tubo deseú de me hazer plazer. Es mucho hombre de bien. La fortuna le ha sido contraria como à otros muchos. Sus trabajos non le han aprovechado tanto como la razón requiere"*.

No arquivo de Simancas, com a data de 24 de abril de 1505, existe o decreto concedendo carta de naturalização dos reis de Castela e Leão em favor de Vespucci, onde há uma passagem que diz: *"acatando vuestra fidelidad é algunos buenos servicios que me habeis fecho"*...

O rei Felipe 1, em data de 23 de agosto de 1506 escreveu uma carta aos oficiais da *Casa de la Contratacion*, documento êste do arquivo de Simancas, dizendo que antes de uma certa e determinada expedição partir para descobrir especiarias, devia o seu comandante consultar Vicente Pinzon e Vespucci, para que êstes dissessem se era vantajoso partir antes do inverno, sendo que os pareceres dêsses dois navegantes deviam lhe ser enviados.

No arquivo de Sevilha, com data de 6 de agosto de 1508, existe o título de nomeação de Vespucci para o elevado cargo de piloto-mor. Inúmeras eram as atribuições do Florentino, sendo que nenhum piloto podia navegar sem que primeiro fôsse examinado por Vespucci e dêste recebesse carta de habilitação. Também teve êsse piloto-mor o encargo de desenhar tôdas as cartas geográficas das ilhas e terra firme das Índias Ocidentais, cartas essas que serviam de modelos para os cartógrafos.

Morrendo Vespucci em Sevilha a 22 de fevereiro de 1512, em 28 de março dêsse mesmo ano o governo espanhol concedeu uma pensão vitalícia de 10.000 maravedis a sua viúva Maria Cerezo, em reconhecimento dos relevantes serviços prestados pelo seu marido à Espanha.